

CONTEÚDOS EM BUSCA DE FORMA: A POÉTICA NA ESCRITA SOCIOLÓGICA

CONTENTS SEARCHING FOR FORM: POETICS IN SOCIOLOGICAL WRITING

LE CONTENU À LA RECHERCHE DE LA FORME: LA POÉTIQUE DANS L'ÉCRITURE SOCIOLOGIQUE

CONTENIDOS EN BUSCA DE LA FORMA: LA POÉTICA EN LA ESCRITURA SOCIOLÓGICA

Glória Diógenes

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Brasil

Irllys Barreira

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Brasil

RESUMO: A escrita quase nunca é pensada do ponto de vista da forma nas ciências sociais. Se na literatura ou na poesia a forma constitui um dos elementos fundamentais de expressão textual, é comum falarmos que, em ciências sociais, o que importa é a transmissão de conteúdo. Não são poucos os aconselhamentos que afirmam a necessidade de objetivos concisos e linguagem direta na execução de trabalhos acadêmicos, de modo a construir uma relação bem concatenada entre as partes do texto. É como se a elaboração do documento "científico" estivesse mais voltada para a tarefa de um ordenamento baseado na legitimação e apresentação dos dados, em diálogo com autores consagrados, excluindo-se alguma reflexão sobre as possibilidades estéticas da exposição.

Palavras-chave: escrita sociológica, poética, forma, conteúdo.

ABSTRACT: Writing is almost never thought of from the point of view of form in the social sciences. If in literature or poetry form constitutes one of the fundamental elements of textual expression, it is common to say that in the social sciences what matters is the transmission of content. There are many recommendations that state the need for concise objectives and direct language in the execution of academic work, in order to build a well-connected relationship between the parts of the text. It is as if the elaboration of the "scientific" document is more focused on the task of an order based on the legitimization and presentation of data, in dialogue with renowned authors, excluding some reflection on the aesthetic possibilities of the argumentation.

Keywords: sociological writing, poetics, form, content.

RÉSUMÉ: L'écriture n'est presque jamais pensée du point de vue de la forme dans les sciences sociales. Si en littérature ou en poésie, la forme constitue l'un des éléments fondamentaux de l'expression textuelle, il est courant de dire qu'en sciences sociales, ce qui compte, c'est la transmission du contenu. De nombreuses recommandations soulignent la nécessité d'utiliser des objectifs concis et un langage direct dans l'exécution des travaux universitaires, afin d'établir une relation cohérente entre les différentes parties du texte. C'est comme si la préparation du document "scientifique" était davantage axée sur la tâche d'une commande basée sur la légitimation et la présentation de données, en dialogue avec des auteurs renommés, excluant toute réflexion sur les possibilités esthétiques de l'exposition.

Mots-clés: écriture sociologique, poétique, forme, contenu.

RESUMEN: En las ciencias sociales casi nunca se piensa en la escritura desde el punto de vista de la forma. Si en la literatura o la poesía la forma constituye uno de los elementos fundamentales de la expresión textual, es habitual decir que en las ciencias sociales lo que importa es la transmisión del contenido. Son muchas las recomendaciones que afirman la necesidad de contar con objetivos concisos y un lenguaje directo en la realización de los trabajos académicos, con el fin de construir una relación bien conectada entre las partes del texto. Es como si la elaboración del documento "científico" estuviera más centrada en la tarea de un orden basado en la legitimación y presentación de datos, en diálogo con autores de renombre, excluyendo alguna reflexión sobre las posibilidades estéticas de la exposición.

Palabras-clave: escritura sociológica, poética, forma, contenido.

A escrita quase nunca é pensada do ponto de vista da forma nas ciências sociais. Se na literatura ou na poesia a forma constitui um dos elementos fundamentais de expressão textual, é comum falarmos que, em ciências sociais, o que importa é a transmissão de conteúdo. Não são poucos os aconselhamentos que afirmam a necessidade de objetivos concisos e linguagem direta na execução de trabalhos acadêmicos, de modo a construir uma relação bem concatenada entre as partes do texto. É como se a elaboração do documento “científico” estivesse mais voltada para a tarefa de um ordenamento baseado na legitimação e apresentação dos dados, em diálogo com autores consagrados, excluindo-se alguma reflexão sobre as possibilidades estéticas da exposição. Não seria exagerado afirmar que a preocupação com a “comprovação”, a atenção ao uso das normas técnicas, incluindo a estruturação dos “dados”, por vezes, *sacrifica* a poética textual. O escritor desvia-se do ritmo e concentra-se no geral, voltando-se mais para o esmero da “montagem” de assuntos que possam persuadir a solidez e a consistência do “material” apresentado. A denegação do estilo supõe que a objetividade dispensaria qualquer reflexão sobre a estética da escrita.

É certo que a tradição antropológica — voltada tradicionalmente para o registro de culturas — não privilegiou as oposições entre narrativa acadêmica e literária, considerando que o ato de “falar sobre o outro” tem implicações inseparáveis da relação forma e conteúdo, a exemplo dos ensaios de Malinowski (1988) que enfatizaram o caráter criativo do autor na descrição etnográfica.

Em oposição à busca de modelos de escrita nas ciências sociais, este artigo examina algumas das questões postas por essa prática: desafios e possibilidades de apresentar textos acadêmicos unindo forma e conteúdo. Ressalta-se, inicialmente, que a escrita em ciências sociais supõe diferentes forma de expressão, levando em conta não apenas metodologias qualitativas e quantitativa, mas distintos formatos que se apresentam por meio de ensaios, artigos, teses e dissertações.

O ponto de referência dos argumentos fundamenta-se no diálogo com autores envolvidos com a estética da sociologia, em algumas interfaces com a literatura, amparando-se, ainda, em uma experiência pontual de oficina de escrita em ciências sociais.

No primeiro semestre de 2019, ofertamos à pós-graduação¹ a disciplina intitulada “Oficina de Escrita e Criação nas Ciências Sociais”. A apresentação do Plano de Curso tinha em conta, além das dificuldades inerentes à escrita acadêmica, os desafios da autoria — dilemas que Barthes (1984: 111) denominou de construção de um *socius* desencarnado, que parece deixar o autor “distante” da cena da escrita. O intento foi realizar um tipo de anamnese acerca das rotas que habitualmente se interpõem entre

¹ Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará no Brasil.

o terreno do pensamento, da leitura, da observação, da experimentação e do registro de reflexões e análises no *papel*. As aulas provocaram um diálogo interessante entre as formulações teóricas, os escritos de pesquisadores e as experimentações de alunos. Este artigo retoma questões emergentes dessa singular experiência docente, incluindo reflexões que as autoras costumam efetuar ao longo de seus próprios percursos de construção textual — “visitas” às diversas paisagens da escrita.

1. Oficinas: experimentos da escrita

A referida disciplina, ministrada pelas professoras/autoras deste artigo — no caso, um curso optativo —, acolheu um surpreendente interesse entre alunos que desejavam aprimorar a capacidade escrita, tensionada por padrões acadêmicos preestabelecidos e obrigações relativas aos prazos de conclusão.

Pareceu um gesto de ousadia, a oferta de um curso sobre a escrita nas ciências sociais no âmbito da pós-graduação em sociologia, não fosse a quantidade de inscritos² e o desejo acalentado por muitos de discutir um tema pouco tratado no ambiente acadêmico, sobretudo para aqueles que estavam em fase de concluir suas dissertações ou teses. O risco em experiências dessa ordem seria o de tornar a oficina um receituário sobre a “arte de bem escrever”, o que nos fez direcioná-la para uma partilha de textos feitos por alunos, a qual se fez acompanhar de um questionamento sobre o próprio significado da escrita, supondo as dificuldades, singularidades e diferenças de estilos. Muito embora o curso não tenha feito uma opção explícita por uma abordagem metodológica etnográfica, o interesse dos alunos e a experiência das docentes conduziram as reflexões nesse sentido, incorporando também outras possibilidades de escrita de natureza qualitativa.

Os objetivos do curso/oficina foram assim definidos:

Partindo da especificidade da escrita em ciências sociais, pretendemos analisar formas de apresentar objetos de pesquisa, exposição de argumentos e autoria. Na realidade, almejamos questionar e retomar a separação, muitas vezes implícita, entre forma e conteúdo na escrita das ciências sociais. Supomos que a forma não é apenas tema das artes, mas também a escrita o argumento construtivo das ideias, o fio condutor que, simultaneamente, apresenta e faz a teoria. Analisar a especificidade da forma linguagem nas ciências sociais constitui, assim, um dos objetivos desta proposta de oficina (Plano de Curso, s/p.).

Como metodologia inicial de trabalho, foram verificados os percursos de escrita de alguns autores, observando processos amplos de produção e criação não apenas referentes às ciências sociais. O texto de Ítalo Calvino, *Seis Propostas para o Próximo*

² O curso teve 23 alunos matriculados por ordem de inscrição, fechando possibilidades de ampliação por conta das horas implicadas na proposta metodológica de trabalho, com os textos produzidos por alunos.

Milênio, serviu de inspiração para analisar as características de leveza, concisão e rapidez postas no horizonte da literatura, mas podendo construir pontes para a escrita nas ciências sociais. Calvino (1998: 15), evocando o mito da Medusa, insiste em dizer que, talvez, o mais precípuo motivo da escrita do referido livro, incitado por uma reflexão acerca do conjunto de suas obras, tenha sido o de apontar, no âmbito da produção textual, “a leveza antes como um valor que um defeito” (Calvino, 1998: 15). “Às vezes o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa” (Calvino, 1998: 16).

O exercício feito com os alunos a partir dos textos de Calvino sugeriu as possibilidades de uma escrita atenta para os modos de dizer, tendo por referência a evocação descritiva de uma situação de pesquisa. Assim, traçamos a expectativa de construção de uma apresentação de objetos de investigação, voltando-se às rotas habitualmente percorridas nos terrenos do pensamento, da leitura, da observação e do registro, de forma autoral. Identificamos, com o conjunto de alunos, trilhas e atalhos percorridos nos campos da escrita, apostando no redesenhar de caminhos e mapas de sensibilidade empregados nesse processo.

Destacou-se na discussão a forma de apresentar os objetos de pesquisa, uma vez que a descrição incorporava a existência de um leitor. Algumas questões emergiram. Como descrever a questão sociológica em foco, tendo em conta uma estética da apresentação dos objetos de pesquisa? Que autores deveriam ser convocados ou postergados para a formulação das ideias? Qual o peso dos detalhes na descrição de uma ideia?

A rodada de textos construídos pelos alunos, a partir de episódios narrativos capazes de apresentar o objeto de pesquisa, evidenciou as dificuldades nas opções do sujeito que narra, as impressões e as densidades da observação e, por vezes, o esmaecer da posição do autor dentro de suas próprias linhas.

Conversamos, então, sobre as condições de escrita, as possibilidades de um autor posicionar-se como timoneiro do seu barco, de modo a situar-se em uma posição criativa, tendo em vista a condução e a explanação de sua pesquisa. Tratamos também da proximidade da escrita sociológica com leituras literárias, analisando as formas de autoria e o coro de vozes que acompanha o sujeito da enunciação. Pontuamos razões pelas quais as “personagens” que povoam as reflexões das ciências sociais podem ocupar o enredo da narrativa, em tensão ou cumplicidade com os sentidos de autoria. A dimensão de autoria se tornou relevante para analisar a rede de relações que compõe o argumento científico, aliada a uma formulação criativa.

Observamos, nas oficinas, que as sensações de “dureza” ou aridez que povoam o mundo acadêmico muitas vezes revestem o autor de ideias postas externamente a ele e aos objetos — como se o andamento das palavras ocorresse em meio a interrupções bruscas, convocando bengalas capazes de aplacar o terror solitário da originalidade. Caminhando a par com essa observação, verificamos que aquilo acontece no mundo empírico acaba por sofrer refluxo diante do intento de produção de um texto científico “à luz” dos consagrados autores. Esquece-se que eles também, os autores, tiveram suas trajetórias marcadas pela própria “luz” que emana de suas paisagens de investigação, na companhia de outras visões que operam em sintonia com a sua. Muitos textos se compõem a partir de uma natureza “dedutiva”, mesmo que essa lógica não seja ali expressa, assumindo a “confirmação” de teorias externas.

Durante a oficina de escrita, foi destacada a importância da imaginação como abertura para as revelações do campo, ou o inusitado da pesquisa. A percepção do “problema de investigação” acompanhou-se das possibilidades de construção do fio narrativo que compõe o material empírico, dando chance de fazer emergir o que Marisa Peirano (2006) chamaria de “surpresa etnográfica”. Não por acaso, também James Clifford (2011) lembra que se muito da escrita etnográfica é realizada em campo; a concreta elaboração de um texto etnográfico é feita em outro lugar. Por isso, diz o referido antropólogo, “[...] é tentador comparar o etnógrafo com o intérprete literário [...] que encara a tarefa de organizar significados não controlados em um texto numa única intenção coerente” (Clifford, 2011: 39). E, provavelmente, a tarefa de “organizar significados” em uma reflexão lógica foi uma das dificuldades mais significativas observadas nessa experiência de oficina de escrita.

Outras dificuldades no exercício das aulas referiram-se ao momento e o modo de apresentar os problemas da pesquisa, as passagens de reflexões mais descritivas para outras de teor mais abstrato, o uso de conceitos etc. Na realidade, algumas indagações tiveram realce: o modo de apresentar as questões, o uso de autores e vínculos da pesquisa com a teoria. A linguagem, nesse sentido, foi tomada não só como estética, sendo ela a própria poética da pesquisa. Durante as discussões, destacaram-se a distância, e até mesmo a resistência que, paulatinamente, foi se verificando entre escritos literários e acadêmicos.

Outras questões relativas a narrativas, retóricas e publicização da pesquisa vieram à tona. A linguagem, como sendo constitutiva da própria realidade, fez emergir o tema da forma. Tudo se passa como se escrever e descrever não fossem um ato transparente, mas inserido dentro de uma teia de significados com textos interpenetrados.

Os gêneros híbridos que teriam em Clifford Geertz (1989) um bom exemplo — valorizaram a descrição que, em sua densidade, já apontaria um fazer-se da teoria inseparável de suas formas de apresentação. A discussão do “notas sobre a briga dos

galos balinesa” (Geertz, 1989: 316), por exemplo, destacou a importância do uso das metáforas (no geral, mais utilizadas nos textos literários), do que também Geertz denomina de “vocabulário de sentimentos”, tal qual a “excitação do risco, o desespero da derrota, o prazer do triunfo” (Geertz, 1989: 317). De que modo povoar as narrativas das ciências sociais com diferentes emoções (incluindo as de quem “anota” as cenas), repertórios de vida e mesmo assim garantir a feitura de um texto acadêmico?

Do conjunto de questões emanadas da experiência de oficina duas parecem relevantes de serem tratadas no prosseguir de uma reflexão sobre a estética da escrita em ciências sociais: a dimensão de autoria — em meio a “sentimentos”, “surpresas” e metáforas — e os modos de narrar a pesquisa.

2. Autoria e narrativa

Seguindo a rota inspiradora de Foucault em sua obra *As palavras e as coisas*, argumenta Colombo (2005) que, entre o século XVII e XVIII, efetuou-se, no Ocidente, uma fratura entre os discursos científico e literário, sendo conferido ao primeiro prestígio e credibilidade baseados em verdades absolutas, independentes do sujeito que anuncia o discurso. A eliminação da subjetividade teria caminhado junto com a objetividade e a reprodutibilidade, reforçando a oposição entre verdade e falsidade. Foi justo nesse momento que o estilo de escrever tornou-se mais técnico, em detrimento da retórica da narrativa. A tentativa de “evitação” da intuição foi proclamada desde os mestres “fundadores” da sociologia, como assinala Weber em *A Ética Protestante*:

A moda ou o zelo dos literatos nos faz atualmente dispensar o especialista ou relegá-lo à categoria subalterna de simples observador. Quase todas as ciências devem algo aos diletantes, muitas vezes até pontos de vista de grande valor. O diletantismo, todavia, seria o fim da ciência [...] É verdade que a corrente dos destinos humanos só pode comover a quem lhe observa um segmento. Mas é bom que se guarde para si mesmo os seus pequenos comentários, assim como se faz à vista do mar ou das montanhas majestosas, a menos que se ache capacitado a lhes dar expressão sob a forma artística ou profética (Weber, 1989: 14).

Refutando o silêncio da autoria, Michel Foucault, na sua aula inaugural no Collège de France, em 1970, acerca da “ordem do discurso”, sinaliza uma contextura da fala e da escrita apartada do peso e do descomedido controle no uso da palavra:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela houvesse me dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao caso do seu

desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível (Foucault, 2010: 5).

Logo à frente, complementa o referido autor: “gostaria de ir atrás de mim”, (...) é preciso dizer as palavras até que elas me encontrem” (Foucault, 2010: 6). Essas lampeiras revelações parecem nos mover de tradicionais zonas de conforto, podendo engendrar uma malha de interrogações: como se construiria esse campo de intimidade, de proximidade entre palavras e sujeito, no âmbito da escrita de textos acadêmicos? Estaria o cientista social aberto a proceder a escuta de “uma voz sem nome”? Essa “vontade de verdade” (Foucault, 2010), assim como outros sistemas de exclusão, se traduziria num tipo de recuo da autoria?

Notadamente, os três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, aos quais se refere o citado autor, dizem respeito à *palavra proibida*, à *segregação da loucura* e à *vontade de verdade*. São esses, provavelmente, os mais temidos fantasmas que percorrem a escrita acadêmica. E se isso provoca uma espécie de disciplina, de profilaxia nos escritos da ciência, parece também, paradoxalmente, *remover* dos textos um *quantum* de magia e encantamento de suas linhas. Talvez sejam esses os fatores que acabam por tornar, algumas vezes, monocórdia a leitura de textos das ciências sociais, e confirmar, assim, a usual objeção que se faz ao deleite da escrita delegada, quase que unicamente, ao campo da literatura.

A centralidade do discurso ocidental, distante de um sentido de autoria, foi questionada, mais recentemente, por estudos feministas interessados em trazer revisões teóricas baseadas na crítica a conceitos universalistas. A valorização da história do cotidiano, a singularidade de práticas em vários domínios da vida social e as especificidades de formas de dominação integraram o “ponto de vista de mulheres” acionado em várias narrativas baseadas em *saberes localizados* (Haraway, 1995).

Uma classificação tipológica das narrativas feita por Colombo (2005) permite entender o modo como a autoria impacta a estética da escrita. A **narração realista** torna o pesquisador quase invisível na ênfase emprestada à linguagem científica convencional. O discurso na terceira pessoa é destacado, retirando-se o narrador da exposição, que passa a agir como se fosse um “espião fora de cena”. O resultado da descrição assemelha-se a uma fotografia, estabilizada no congelamento dos elementos que perturbariam a cena. O roteiro da exposição segue a apresentação do problema, contendo questões e rápido aceno a fatores subjetivos que serão esmaecidos ao longo do processo. A escrita realista expressaria o estilo típico das ciências sociais, guiadas pelo controle de “distorções” introduzidas pela analista.

A segunda tipologia, denominada **narração processual**, evoca o estilo típico da antropologia. Na narração processual, a poética e a política são inseparáveis, interpenetrando-se gêneros literário e acadêmico. Geralmente os expositores

colocam-se na primeira pessoa do singular, e o autor fala de si, de suas emoções, erros e preferências, buscando estabelecer vínculos com o leitor. Os personagens e o narrador são nomeados, criando empatia com o leitor, convocado a fazer parte do encontro etnográfico. A metáfora da pesquisa como viagem sintetizaria o processo percorrido em suas descobertas e eventuais redefinição de rotas. A escrita assemelha-se, assim, ao requisito clássico da etnografia — *eu estive lá*, instaurando, desde então, um inesperado plano de coautoria.

A **narração reflexiva** veicula a terceira forma da tipologia sugerida por Colombo, supondo a presença da reflexão, ou o autoquestionamento do pesquisador, que acompanham as formas da investigação. Os discursos na primeira e terceira pessoa alternam-se, deixando emergir o processo de elaboração interna da pesquisa. O estilo da forma reflexiva é múltiplo, utilizando-se de uma variedade de teorias capaz de convidar o leitor a uma participação argumentativa. Segundo as palavras de Colombo, “A intenção do narrador reflexivo é aquela de apresentar perspectivas que aspiram ser aceitas como merecedoras de consideração e de diálogo” (Colombo, 2005: 287). As características diversas da escrita — tais como mostra a tipologia — não são inocentes, tampouco um enfeite externo ao trabalho de pesquisa, sendo partes constitutivas do processo de conhecimento.

Poderia ser acrescentada a essa análise a presença mais recente de um diálogo entre áreas do conhecimento nas ciências sociais, produzindo efeitos sobre a estética da escrita acadêmica. A influência da antropologia, da história e da literatura ampliou o campo restrito das abordagens positivistas, que negavam de forma contundente a autoria, reforçando a narrativa distanciada da pesquisa. O realce de relatos de pesquisa, incluindo o conhecido trabalho de campo, terminou por construir estilos. Assim, ganharam destaque as descrições, os personagens entrevistados e os pontos de vista geralmente escondidos sob a generalidade numérica de tendências.

A problematização da escrita nas ciências sociais adquiriu nova relevância a partir dos anos 1980, formulação feita por Tota (2005), referindo-se às políticas e poéticas do texto sociológico construídas ao longo do tempo.

3. A poética da escrita

Na reflexão sobre a poética da escrita, Tota (2005) lembra as formas estéticas de apresentação do texto em Geertz na utilização de parábolas como pretensões etnográficas, os tratados teóricos apresentados como impressões de viagem à moda Levi Strauss ou a biografia apresentada em formas algébricas. As poéticas que informam as práticas de escrita em ciências sociais enfatizaram uma fase do trabalho científico referente à descrição. A título de exemplo, em certas narrações sociológicas os autores sociólogos e literários bebem de fontes comuns, a exemplo de Wright Mills, que amava citar Balzac e Ervin Goffman — este último mencionou a

técnica de agentes secretos tirados dos romances policiais nos modelos de interação. O texto constitui, na percepção de Tota da qual partilhamos, um lugar privilegiado para construir e reconstruir a prática científica, remontando aos modos de produção do conhecimento e da cultura.

Seria igualmente importante, na visão da referida autora, analisar o processo de escrita como oportunidade para valorizar a dimensão de oralidade, baseando-se na tecnologia da palavra. As tecnologias de acentuação da criatividade não seriam possíveis sem o recurso da escrita. Um texto seria um lugar de legitimação da ordem disciplinar, diz Tota, evocando Foucault, que nos lembra a diferença entre o texto bíblico e a ordem literária, sendo o texto científico baseado no princípio de ordenamento de discursos.

Em síntese, a autora conclui sobre a existência de um entrelaçamento entre políticas e poéticas dos textos sociológicos, denominando a escrita como atos políticos de construção de sentido. Essa formulação da escrita permite articular a proximidade entre epistemologias hermenêuticas reflexivas e práticas de escrita. O texto sociológico, portanto, não veicula somente as representações dos sujeitos pesquisados, mas a própria identidade de seu autor, sendo a escrita não mais a interpretação de um acontecimento privado.

Nessa direção, as escolhas retóricas e estilísticas não seriam mero reflexo de concepções epistemológicas ou idiosincrasias pessoais do autor. A escrita sociológica “torna-se, portanto, não mais somente um ato político de produção de sentido, mas também um ato institucional de produção daquele consenso sobre o qual se fundam as carreiras científicas” (Tota, 2005: 313). Em súpula, os textos sociológicos seriam eles próprios arenas discursivas entre a individualidade do pesquisador e os modelos e as práticas institucionalmente codificadas. A hibridação de gêneros expressa a escrita como um lugar de produção de sentidos, onde carreiras científicas assumem tons de singularidade e são, dessa forma, demarcadas e legitimadas.

4. O escritor como leitor e a rota das inspirações

Em entrevista feita a José de Souza Martins (2008: 8-15), os jornalistas Marcos de Oliveira e Mariluce Moura, referindo-se aos seus escritos considerados “de beleza rara em textos sociológicos”, indagam sobre o gosto e o prazer de lidar com as palavras, obtendo a seguinte resposta: “Gosto de ler, valorizo muito a literatura e acho que a sociologia, além de uma ciência, em sua expressão é também uma forma literária”.

Trata-se de percepção que reivindica a importância da forma no enunciado sociológico, que, segundo Martins, supõe um discurso, ao contrário da fórmula de Einstein $E=Mc^2$ sobre a equivalência entre matéria e energia. As indecisões sobre os estilos descritivo, narrativo e estético são também mencionadas na introdução da

coletânea *O imaginário e o poético nas ciências sociais* (Martins, Eckert & Novaes, 2005) considerando-se o tributo devido às ciências naturais do qual as ciências sociais são herdeiras. Os organizadores convocam o diálogo com as inteligências narrativas, enfatizando as muitas maneiras do humano ser percebido através de sonoridades visuais e estéticas.

O prazer da leitura implica, por outro lado, o entrelaçamento do escritor com o leitor. Importa, nesse sentido, acrescentar que suporta escrever quem se dispõe a *ir sendo levado por rotas fora do mapa*, por caminhos ainda não imaginados. E isso serve para todos os campos da escrita, sendo o bom escritor quase sempre um bom leitor. Ler — nesse sentido, ler e escrever — supõe desvendar vias que nortearam e descortinaram vontades e feitos da escrita.

Além dos sentidos que percorrem as linhas de aproximação com “significantes”, letras e palavras podem formar desenhos, silhuetas, geografias de frases e relevos de pontilhados, apresentando conexões e encadeamentos. A escrita como artesanato, não custa reiterar, está muito bem formulada em Mills (1969) quando o autor preconiza a necessidade de incorporar sensibilidades já presentes no escritor, romancista ou jornalista, de modo a cultivar a “imaginação sociológica”.

Escrever, para alguns, parte também da vontade de desvendar mistérios, verificar “achados” apresentados de forma explícita ou implícita em trabalhos de natureza científica. Vamos a um exemplo. Quando lemos várias vezes o termo “a questão é”, “a questão foi”, o uso recorrente da palavra “questão” leva a supor que ela, nesse contexto, atua como coringa — um artifício para ocupar o vazio de compreensão que parece obstruir a cabeça do escrevinhador. Em direção semelhante, Stephen King (2017: 109), referindo-se a Strunk, diz que a frase “o fato de que”, ou “ao longo desses linhas”, provoca nele um repúdio à leitura, assim como “nesse momento do tempo” e “no fim das contas”. O que interessa perceber é que existem palavras que parecem servir para “nada dizer”, são as chamadas muletas narrativas que funcionam como se as emendas preenchessem lacunas ou elas tivessem que ser naturalmente preenchidas.

Algumas formas da escrita nas ciências sociais sugerem evocações ao que poderia ser nomeado de excessos *no dizer*. A esse respeito, diz Becker: “normalmente, os sociólogos usam vinte palavras quando duas bastariam” (2015: 26), e isso já evidencia a falta de cuidado que se costuma ter com o texto e com o possível fascínio provocado por suas visitas. Pode-se pensar o leitor voraz como um potencial escritor. Ele reconhece e desvenda mais fácil a armadilha das palavras. Observa a paisagem esburacada das frases, os continentes de parágrafos que mais assemelham-se a *icebergs*, movendo-se, ermos, no oceano das letras.

É legítimo pensar que a escrita acadêmica pode ser ativada por uma espécie de jogo, de arte. Umberto Eco, em seu livro *Confissões de um jovem romancista* (Eco, 2013: 12), conta que “toda obra científica deve ser uma espécie de *thriller* – o relato de uma busca por um Santo Graal”. Ao invés da contumaz lógica da referida “fadigas e penas” (Arendt, 1987), que tanto permeia os escritos acadêmicos, a sedução da escrita apenas se realiza quando o corpo (tanto do escritor quanto do leitor) não é deslembrado, silenciado, atado à cadeira em uma espécie de renúncia aos seus perturbadores *insights* e sensações.

Ao contrário da supressão do prazer da escrita, Haruki Murakami (2017), na obra *Romancista como vocação*, fala que, para ele, escrever tinha uma sensação próxima de tocar um instrumento musical: “resumindo, talvez eu utilize as sensações corporais e não a cabeça para escrever: garantir o ritmo, encontrar um belo acorde e acreditar no poder da improvisação” (Murakami, 2017: 30). Trata-se de pensar sobre a importação da inspiração como matéria que acompanha a criação científica e/ou literária. Roland Barthes (1984: 97), após a morte de sua mãe, escreve possivelmente uma das suas mais destacadas obras, *A câmara clara*. Diz ele, ao encontrar “fotografias”, numa noite de novembro, logo após a perda de sua genitora:

Em relação a muitas dessas fotos, era a História que me separava delas. A História não é simplesmente esse tempo em que não éramos nascidos? Eu lia minha existência nas roupas que minha mãe tinha usado antes que eu pudesse me lembrar dela. Há uma espécie de estupefação em ver um ser familiar vestido de *outro modo*. Eis, em torno de 1913, minha mãe em traje de passeio, gorro, pluma, luvas, tecido delicado que surge nos punhos e na gola, de um ‘chique’ desmentido pela doçura e simplicidade de seu olhar.

A cena primordial da morte e o *punctum*³, conceito inspirado na visão renovada da mãe, das vestimentas que ela havia “usado antes que eu pudesse me lembrar dela”, permite ao leitor agitar-se por uma escritura cerzida por memórias, percepções e atilamentos, notadamente únicos e singulares. Ao contrário da ideia de distanciar-se do que vai sendo remexido no plano das emoções, Barthes (1984: 46) toma essa *onda de sentimentos*, essa “picada, esse pequeno buraco, pequena mancha, um pequeno corte”, que é a natureza do seu conceito de *punctum*, como limo da escrita.

Observa-se que não apenas Barthes, mas também Weber, evidenciando a importância de se conter, no início de seus escritos da “Ética, aqui já destacados, os ventos do diletantismo, é tomado por um tipo de visão, atravessada por sentimentos intensos de um jorro “pessimista” acerca da emergência do “espírito do capitalismo”. No último capítulo do livro *A ética protestante*, referente à “ascese”, ele assinala o

³ Barthes denomina de *punctum* “uma espécie de campo sutil, como se a imagem lançasse desejo para além daquilo que ela se dá a ver: não somente para o resto da nudez, não somente para o fantasma de uma prática, mas para a excelência absoluta de um ser, alma e corpo intrincados” (1984: 89).

“peso” advindo das preocupações pelos bens materiais, e sentencia: “o destino iria fazer com que o manto se transformasse numa prisão de ferro” (Weber, 1989: 131). E diz em seguida:

Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e ideias, ou ainda nenhuma dessas duas – a eventualidade de uma petrificação mecanizada caracterizada por esta convulsiva espécie de autojustificação.

O leitor, vagorosamente, vai penetrando uma “gama de significados do capitalismo”, do “racionalismo econômico”, e na exposição do aparecimento de várias linhas de religiões “protestantes”, ao que pode vir a ser o inexorável manto da “prisão de ferro” do capitalismo. Sob uma perspectiva teórica diferente, o capítulo de Marx (1959) sobre a mercadoria é primoroso no emprego de metáforas e formas de explanação associadas ao tema do fetichismo⁴. Nesse embalo inspirador, o leitor navega a obra, vagorosamente, seguindo as pegadas investigativas do autor, podendo acompanhar o seu trajeto.

O contrário pode acontecer. Ser a estranheza, o nunca visto, o não pensado, a trama da ligação entre os sujeitos da escrita: leitor e escritor. A estranheza pode se colocar como um fio adutor que une margens de um mesmo rio, acoplando fluxos distintos de um pensamento. A literatura, com seu manancial de narrativas fantásticas, inspira o ensaio de Freud (2006) intitulado *O estranho*, no qual o autor estabelece um diálogo com os temas da estética e do sensível. Não por acaso, vários trabalhos sobre ficção se reportam ao texto de Freud para pensar sobre o mistério e o fantástico apresentados nos enredos, produzindo sensações diversas nos leitores.

Outros fatores de encontro entre leitor e escritor podem ser realçados. Francine Prose (2008: 53), inspirando-se nos escritos literários no livro *Para ler como um escritor*, afirma que “dominar a lógica da gramática contribui – de uma maneira misteriosa que novamente evoca algum processo de osmose – para a lógica do pensamento”. Segundo as palavras da autora, “o escritor é o anfitrião, o leitor o convidado, e você, o escritor, segue a etiqueta porque deseja que seus convidados se sintam mais à vontade, especialmente se planeja lhes servir algo que não esperem”. Assim, escrever é oferecer ou convocar, realizando trocas e dádivas.

Evocamos mais uma vez Calvino no seu último livro escrito — *Seis propostas para o próximo milênio* — quando diz que seu afã no papel de escritor se traduziu, como mencionamos no início, por uma “subtração do peso”: “Esforcei-me para retirar peso, ora às figuras humanas, ora aos corpos celestes, ora às cidades; esforcei-me sobretudo por retirar peso à estrutura da narrativa e à linguagem” (Calvino, 1990: 15).

⁴ Silva (2012) apresenta a obra de Marx em suas características literárias, capaz de unir linguagem elegante e teoria social inovadora.

A lógica inspiradora da literatura poderia evocar as possibilidades de remoção do frequente peso que algumas vezes se acopla às obras das ciências sociais.

A autobiografia de Edgar Morin, *Os meus demônios*, deixa transparecer a importância de outra variável significativa no ato da escrita, a da curiosidade, como impulso que movimenta o deslindar das ideias e suas variadas conexões.

O meu vazio cultural originário gerou uma voragem pela curiosidade, pelo saber, pelo imaginário, pela procura da verdade, pela procura do bem e pela elaboração das minhas próprias normas. Fui feito para aquilo de que estava sequioso. A minha abertura omnívora acalentou o meu autodidatismo, o qual acalentou a minha abertura omnívora (Morin, 1995: 37).

A “voragem da curiosidade” certamente atua como um tipo de usina, de dínamo capaz de fazer *amolecer* a rigidez e o “peso”, referidos por Calvino, que perfazem o ritmo de muitos dos textos acadêmicos. O sujeito curioso parece ser o que se desloca de uma excitante mudança de visão e de posição. O ato de “se deixar levar pela curiosidade”, tal qual se fala na linguagem popular, pode sinalizar uma abertura à visita da leveza no curso da escrita. Lembrando, leveza não significa deriva, perda de referenciais. Ao contrário, lembra Calvino (1990: 28): “A leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório. Para Paul Valéry é preciso ser leve como um pássaro e não com a pluma”. Há aqui um lema subjacente: escrever no compasso do voo, porém identificando a circulação dos ventos e o movimento das aves. Assim nem se *cai*, nem se *esvai*, tal qual a pluma, e muito menos se *derruba* o leitor, desvanecendo sua companhia.

Não é por acaso que quase nenhuma leitura relativa ao campo das ciências sociais pode ser considerada um deleite para as horas vagas. Desabrigados da sensação de deleite, do uso de “palavras proibidas”, de uma certa dose de *loucura* — como bem enunciou Foucault — e intuição, o processo da escrita não engessa apenas o texto, mas também o corpo do próprio sujeito que escreve.

Sobre a estética da escrita nas ciências sociais, alude Becker: “[...] todo mundo sabe que os sociólogos escrevem muito mal, e o pessoal de literatura, diante de um texto ruim, faz piada dizendo que é “sociologia” (Becker, 2015: 21). Ao propor um curso sobre escrita nas ciências sociais, conta o autor se surpreendeu com a primeira turma, já que tinha dez a doze pós-graduandos e até colegas mais jovens de magistério. Então, concluiu: “aquilo que também irei enunciar: não faço ideia de como ensinar a escrever. Apenas trago impressões difusas e fugidias do que fui percebendo ao longo de quase quarenta anos no ofício de cientista social” (Becker, 2015: 22).

Os dilemas da escrita revelaram-se na experiência de troca com os alunos, mencionada no início do artigo, tal como será exposto na parte a seguir.

5. Escrever, ler e reescrever: partilhas da oficina

A turma de alunos, composta de muitos que se diziam engessados em seus textos, à espera de que “tudo ficasse claro” para iniciar o processo de escrita viu-se diante de vários desafios. Um deles era entender que, mesmo supondo-se a construção de uma arquitetura da escrita, não existe um saber prévio absoluto que a antecede: a elaboração se constrói também no ato do fazer. A prática de leitura dos textos produzidos pelos alunos permitiu, além disso, que cada um pudesse observar o ritmo de seus escritos, a forma de construção dos argumentos e as interlocuções estabelecidas internamente.

A relação entre o saber já organizado da teoria e o obtido em trabalho de campo constituiu um dos pontos discutidos nesse momento, interpondo-se a necessidade de conexões entre diferentes densidades. A reflexão filosófica de Pessanha serviu de metáfora para pensar sobre a necessidade de “estar exposto”, tomando a escritura como “uma província de uma espera e de um pressentimento” (Pessanha, 2002: 25).

A suspensão de certeza estaria na rota contrária do “homem teórico”, o exposto que de algum modo já “se encontra na indigência da verdade”. Ao contrário do teórico que vive refugiado em alguma teoria sobre o mundo, diz Pessanha: “O homem blindado expulsou a hospedagem: não está aberto à visita dos afetos e das palavras”. Assim, esquivou-se do jorro da língua e volta-se “apenas para vivências autofabricadas e autoafetadas” (Pessanha, 2002: 24).

A recomendação ao cientista social sobre o indulto da blindagem como artifício para garantir seu adequado desempenho no “trabalho de campo” é antagônica à fala de Pessanha, reticente à repetição do já dito pelos *grandes* mestres e que o *cientista* em ação, assim como toda gente, *já sabe*.

Durante os encontros, a narrativa em voz alta dos exercícios fez emergir a importância da oralidade, na qual se percebiam repetições, nuances, ênfases e modos de enunciação. O envolvimento do autor a relação com a teoria e as intertextualidades apontaram as inúmeras possibilidades da escrita sociológica.

Nesse momento vale traçar uma analogia à experiência de Becker anteriormente mencionada. Para tentar dar seguimento à ideia de seu curso de redação, o pesquisador usou o seguinte artifício: começou a fazer entrevistas indagando sobre o processo de escrita dos colegas. Conta o autor que um fato interessante desse procedimento é que muitos dos entrevistados tinham “hábitos malucos” (Becker, 2015: 23) nos seus modos de escrever, e ao compartilhar com os que ia encontrando ser a “loucura normal”, percebeu o alívio que levou para muitos daqueles com quem conversava. Trata-se, também, de pensar que a escrita é uma prática submetida a hábitos e exercícios muitas vezes mistificados sob o princípio da inspiração,

distanciando-se do sentido de trabalho. A espera por um momento de luminosidade às vezes paralisava escritos ansiosos por momentos especiais de revelação.

Existe uma parábola contada por Gonçalo Tavares (2014: 183), no livro *O ofício da palavra*, que diz muito do que foi experiência conduzida nessa emblemática oficina de leitura:

O feiticeiro ensina para o aprendiz uma palavra que faz mexer as coisas sozinhas. Caso seja pronunciada, essa palavra pode, por exemplo fazer com que a caneta, a mesa ou as paredes se mexam sozinhas. Ao ensiná-la, porém, o feiticeiro disse: cuidado, nunca digas essa palavra. Mas assim que o feiticeiro vai embora o aprendiz diz a palavra. O que acontece? As coisas começam a se mexer cada vez mais rápido. As paredes começam a cair. E o aprendiz tem que sair correndo. Ali ele percebe por que ele ainda é um aprendiz e porque o outro é um feiticeiro. Na verdade, o feiticeiro não havia lhe ensinado o essencial. O aprendiz sabia colocar as coisas em movimento, mas não sabia a palavra que fazia as coisas pararem.

Em muitas ocasiões do curso, as leituras dos textos elaborados pelos alunos expressaram um movimento incessante de profusão de ideias, a conexão com os autores (os feiticeiros), “o mexer cada vez mais rápido” das palavras. Como lembra Becker (2015: 25), eles “temiam não conseguir organizar seus pensamentos, que escrever fosse ser uma confusão tão grande que ficariam doidos”. Na qualidade de guardiães das palavras, as duas, lado a lado na escuta atenciosa dos textos, apenas dizíamos, apontávamos as que poderiam fazer as paredes se mexerem. Em seguida, usando o bom feitiço, em uníssono, identificávamos “o essencial”, palavras que organizam o que ruiu e podem dar vida ao que ficou.

As “paredes que caem”, o que se desloca no texto, provavelmente dão lugar à circulação dos ventos, sinalizam rotas da singularidade, desenham o lugar do autor na obra que assina. Seria esse um dos lugares da poética na escrita sociológica, deixando emergir os silêncios, dúvidas e capacidade de imaginação sociológica.

6. Amarrando fios: síntese conclusiva dos argumentos

Alguns pontos tratados ao longo do texto merecem ser destacados, menos como conclusão e mais como síntese dos argumentos apresentados.

Este artigo enfrentou o desafio de não transformar a problematização da escrita sociológica em regras ou sugestão sobre o que deveria ser a explanação de um objeto de estudo. A arte de escrever e descrever não estão isentas de contextos históricos que supõem repertórios discursivos e critérios de relevância. A percepção de que a estética se vincula a contextos específicos de produção do conhecimento em ciências sociais permitiu levar em conta as muitas possibilidades de escrita. Viabilizou também entender que a estética implica um modo de fazer diálogo entre a forma e o conteúdo empregados em teses, ensaios, artigos e outras produções acadêmicas.

A estética da escrita acadêmica também supõe conexões entre áreas do conhecimento nas ciências sociais. A antropologia, a história e a literatura, conforme os exemplos mencionados, ao longo do texto, alteraram abordagens direta ou indiretamente positivistas, que suprimiam a autoria, por conta da exposição das informações da pesquisa distanciada do pesquisador.

Os exemplos mencionados durante o artigo mostram que alguns autores clássicos e contemporâneos levaram em conta a escrita como parte da criação científica, estabelecendo elos mais ou menos densos com a teoria. A forma da narrativa constituiu um requisito importante para pensar no leitor, valorizando a estética e seu vínculo necessário com a literatura.

A ideia da escrita implicada na investigação valorizou a inserção da narrativa na elaboração do trabalho acadêmico. A experiência reforçou a escrita como parte de um conjunto vasto de opções teóricas, metodológicas e pessoais, sendo a poética do texto em ciências sociais a construção de um trabalho que não diz respeito unicamente à presença de talentos. Os exemplos mais contundentes se encontram na forma etnográfica de exposição dos objetos de investigação.

A percepção da escrita como sendo artesanal — feita de cortes e recortes, descobertas e modos criativos de dizer — foi importante para que se percebesse a não separação entre forma e conteúdo, autoria, narrativa e redes de pensamento em circulação.

Valorizar o estilo de cada um no decorrer das oficinas constituiu um ponto relevante para pensar a escrita como forma criativa, modulada por conceitos que necessitavam de pontes de conexão com a pesquisa, ao invés de encaixes. Dessa forma, o exercício de descrição de situações de campo foi bastante rico para expor a eficácia ou o engessamento de conceitos. Formulações sobre as micro e macrosociologias emergiram nesse momento em que a teoria como ferramenta apontava possibilidades variadas de escrita.

Experimentação e reflexividade teórica talvez representem os pilares dessa aventura e encontro, tão aguardado, entre forma e conteúdo. Trata-se de aprender observando os caminhos percorridos e os desafios da criação que cotidianamente se impõem no trabalho da escrita sociológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Appadurai, Arjun (2004). *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema.
- Arendt, Hannah (1987). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Barthes, Roland (1984). *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Becker, Howard (2015). *Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Calvino, Ítalo (1990). *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Clifford, James (2011). *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*, Organização de José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Ed UFRJ.
- Colombo, Enxo (2005). Descrever o social, a arte de escrever e pesquisa empírica. In Alberto Melucci (Ed.). *Por uma sociologia reflexiva, pesquisa qualitativa e cultura* (265-288). Petrópolis: Editora Vozes.
- Eco, Umberto (2013). *Confissões de um jovem romancista*. São Paulo: Cosac & Naif.
- Foucault, Michel (2010). *A ordem do discurso*. Aula Inaugural no Collège de France em 2 de dezembro 1970. São Paulo: Loyola.
- Freud, Sigmund (2006). O estranho. In *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (237-270)*. J. Salomão, trad., Rio de Janeiro: Imago.
- Geertz, Clifford (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Haraway, Donna (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.
- King, Stephen (2015). *Sobre a escrita*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Malinowski, Bronislaw (1988). *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Edições 70.
- Martins, José de Souza (2008). A sociologia que examina as margens, os sonhos e as esperanças. *Revista Pesquisa Fapesp*, entrevista feita por Marcos de Oliveira e Mariluce Moura, São Paulo, 8-15.
- Martins, José de Souza, Eckert, Cornélia, & Novaes, Sylvia (orgs) (2005). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*, Edusc, São Paulo.
- Marx, Carlo (1959). *El capital, crítica de la economía política*. Mexico: Fondo de Cultura Economica.
- Mills, C, Wirght (1969). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Morin, Edgar (1995). *Os meus demônios*. Lisboa: Publicações Europa América.
- Murakami, Haruki (2017). *Romancista como vocação*. São Paulo: Alfaguara.
- Pessanha, Juliano Garcia (2002). *A certeza do agora*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Prose, Francine (2008). *Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Silva, Ludovico (2012). *O estilo literário de Marx, coleção arte e sociedade*. São Paulo: Editora Expressão Popular.
- Tavares, Gonçalo M. (2014). O imperativo da literatura. In José Eduardo Gonçalves (Ed),. *Ofício da Palavra* (174-191). Belo Horizonte: Autêntica.
- Tota, Anna Lisa (2005). Políticas e poéticas do texto sociológico – as retóricas da argumentação científica. In Alberto Melucci (Ed.). *Por uma sociologia reflexiva* (289-313). Vozes, Petrópolis.
- Weber, Max (1989). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira.

Glória Diógenes. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e Pós-doutora no Instituto de Ciências Sociais ICS da Universidade de Lisboa. É Professora Titular da Universidade Federal do Ceará. É líder do Grupo de Pesquisa do Laboratório das Juventudes do Diretório de Pesquisa do CNPq. É líder e Membro-fundadora da Rede Luso-Brasileira de Pesquisadores em Artes e Intervenções Urbanas-R.A.I.U do CNPq. É membro fundadora da Rede Lusófona Todas as Artes, Todos os Nomes. É membro e coordenadora geral do Laboratório das Juventudes e Membro da Rede de Estudos sobre Experiências e Ações Juvenis. Av. da Universidade, 2995, 1º andar, Benfica, 60020181, Fortaleza - CE, Brasil. E-mail: gloriadiogenes@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7494-8553.

Irllys Barreira. Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) e no Instituto de Ciências Sociais ICS da Universidade de Lisboa. Professora Titular de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Líder do Grupo de Pesquisa Lideranças, representações e práticas políticas do Diretório de Pesquisa do CNPq. Foi diretora da ANPOCS (1993-1994) e participou de vários comitês dessa instituição. Foi Presidente da Sociedade

Brasileira de Sociologia (2012-2013). Av. da Universidade, 2995, 1º andar, Benfica, 60020181, Fortaleza - CE, Brasil. E-mail: ialencar21@uol.com.br. ORCID: 0000-0002-3964-946X.

Receção: 10-09-2019

Aprovação: 10-01-2020

Citação:

Diógenes, Glória & Barreira, Irllys (2021). Conteúdos em busca de forma: A poética na escrita sociológica. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 4(1), pp. 12-29. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav4n1/a1